



Multiplicidade identitária em ‘Galileia’, de Ronaldo Correia de Brito: representação homossexual x representação sertaneja

Daniela Sousa da Rocha

Universidade Estadual do Piauí, BR-343, s/n, Campo Velho, 64800-000, Floriano, Piauí, Brasil. E-mail: rochasousad@gmail.com

RESUMO. Como parte integrante das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa NENIN – Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade, a pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre a identidade homossexual do personagem Davi e a identidade sertaneja pertinente a sua família na obra literária ‘Galileia’, da autoria de Ronaldo Correia de Brito. De acordo com Michael Pollak (1992), ao longo da vida construímos uma imagem de si para nós mesmos e para os outros representando aquilo que acreditamos que somos. Entretanto, para os sujeitos homossexuais, muitas vezes, a criação dessa imagem acaba tendo o intuito de esconder essa particularidade. Segundo Trevisan (2000), assumir essa categoria identitária é assumir toda a carga negativa que a acompanha. Foi constatado que a ideia de pertencimento de grupo relacionada ao personagem Davi, nesse caso sua própria família, não contrasta tanto assim com a sua individualidade homossexual, pois, mesmo não correspondendo àquela ao qual esse grupo imagina para ele, acaba por aproximá-los pelo fato de Davi manter isso em segredo, o que é um costume comum naquela família. Entretanto, as transformações do cenário sertanejo, assim como as mudanças nos costumes da região, constatadas em obras neorregionalista, podem ter diminuído essa oposição. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base em teóricos como Brito (2017), Pollak (1992), Ricoeur (2007, 2014) Trevisan (2000) e analítica da obra literária em questão.

Palavras-chave: memória; identidade; cultura; mistério; Neorregionalismo.

Identity multiplicity in ‘Galileia’, by Ronaldo Correia de Brito: homosexual representation x sertaneja representation

ABSTRACT. As part of the research carried out by the research group NENIN - Nucleus for Studies in Neoregionalism, Imaginary and Narrativity, the research aims to analyze the relationship between the homosexual identity of the character Davi and the country identity pertaining to his family in the literary work ‘Galilee’, by Ronaldo Correia de Brito. According to Michael Pollak (1992), throughout life we build an image of ourselves and others representing what we believe we are. However, for homosexual subjects, the creation of this image often ends up having the intention of hiding this particularity. According to Trevisan (2000), assuming this identity category is assuming all the negative charge that accompanies it. It was found that the idea of belonging to a group related to the character David, in this case his own family, does not contrast so much with his homosexual individuality, because, even though it does not correspond to what this group imagines for him, it ends up bringing them together through David's keeping it a secret, which is a common custom in that family. However, the transformations in the sertanejo scenario, as well as changes in customs in the region, may have reduced this opposition. It is a qualitative research based on theorists such as Brito (2017), Pollak (1992), Ricoeur (2007, 2014) Trevisan (2000) and analysis of the literary work in question.

Keywords: memory; identity; culture; mystery; Neoregionalism

Received on March 31, 2021.
Accepted on September 13, 2021.

Introdução

A literatura contemporânea, segundo Karl Erik Schollhammer (2011), é marcada pelo início de uma prosa urbana, a partir dos anos de 1960. Ela representa a atualidade voltando-se para as zonas marginais e obscuras, antes vistas com estranheza histórica e ocultadas pela literatura. Conforme o mesmo autor, a representação na contemporaneidade passa a ser entendida como

[...] uma construção que exhibe e esconde ao mesmo tempo. A representação nos guarda e protege contra o real em sua manifestação mais concreta (violência, sofrimento e morte) e, num mesmo golpe, indica e aponta para o real, na recriação de alguns de seus efeitos como efeitos estéticos (Schollhammer, 2011, p. 73).

É uma representação em que ocorre um olhar direcionado para a realidade externa à obra, que permite ao leitor ter uma experiência daquilo que está sendo retratado. Entre outras características da literatura contemporânea, Schollhammer (2011) destaca ainda uma tolerância estética antes nunca vista. Dessa forma, nas últimas décadas a Literatura Brasileira tem apresentado várias tendências criativas significativas para a historiografia literária nacional.

Entre as novas tendências, foi observada por Herasmo Braga de Oliveira Brito (2017) o Neorregionalismo Brasileiro, que, corroborando com Schollhammer (2011), constam de narrativas com a presença de sujeitos marginalizados socialmente, tais como prostitutas, migrantes, homens do campo, dentre outros, além de traços de linguagem oral e memórias em oposição a homogeneização da cultura globalizante e que marcam a identificação desses sujeitos. Para o crítico, “[...] as mudanças hodiernas têm ocorrido de maneira interna e levaram as pessoas a construírem suas vidas dentro de preceitos como a individualidade e a homogeneização de sujeitos” (Brito, 2017, p. 168). À medida que vai ocorrendo essa padronização cultural, os sujeitos vão se afastando de suas origens, ou seja, de seu passado, ocorrendo, dessa maneira, um apagamento da memória responsável por primeiro determinar quem ele é.

Em relação ao Brasil, afirma o antropólogo francês Roger Bastide:

Todas as noções que aprendi nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. [...] Será necessário [...] descobrir noções de certo modo líquidas, [...] que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação (Bastide, 1975, p. 15 apud Trevisan, 2000, p. 45).

Nessa mesma perspectiva podemos direcionar, em forma de recorte, a região sertaneja, que assim como todo o país, também vem sofrendo essas transformações. Estas vem sendo captadas por produções neorregionalistas, que por meio de recursos estéticos, são transplantadas em forma de obras literárias.

A proposta desse trabalho é apresentar a presença de multiplicidade identitária através da análise da obra literária ‘Galileia’, da autoria de Ronaldo Correia de Brito. Para esse fim, foi feito um paralelo entre as representações a que nos dispusemos a observar e verificar como acontece a relação entre a identidade homossexual do personagem Davi e a identidade sertaneja pertinente a sua família.

Análise de ‘Galileia’: representação homossexual x representação sertaneja

‘Galileia’ é um romance memorialista da autoria de Ronaldo Correia de Brito, publicado em 2008. Apresenta a narrativa do retorno dos primos Adonias, Ismael e Davi, os dois últimos meios-irmãos, para a fazenda Galileia do avô Raimundo Caetano, que está com a saúde bastante frágil. Para os três personagens, essa viagem representa uma volta ao passado, causando o surgimento de lembranças, de momentos que viveram e de histórias de sua família.

Conforme Ricoeur (2007), aquilo que lembramos está intrinsecamente associado a algum lugar, chamado por ele e também por Pollak (1992) de ‘lugares de memória’. O aparecimento dessas lembranças gera naqueles personagens conflitos relacionados a suas identidades devido às experiências e às várias influências que cada um vem sofrendo ao longo de suas vidas. “Depois de viver em outras sociedades, de reconhecer o esforço que elas fizeram para se diferenciar do que nós somos, voltamos à barbárie e praticamos os mesmos atos de sempre” (Brito, 2008, p. 143). Com essa afirmativa, o narrador reconhece que tentou buscar outras culturas, porém, por meio de sua memória, a sua origem permanece, o que pode ser constatado não apenas com este personagem, mas também com outros.

Para fins de análise, focalizamos na figura de Davi, segundo filho do casal Natan, da família Rego e Castro, e Marina. Diferente de Adonias e seu irmão Ismael, que nasceram na região dos Inhamuns, onde se situa a fazenda Galileia, Davi nasceu em São Paulo, pouco depois da separação de seus pais. Possui identidade homossexual, mas que também tem ligação com a identidade sertaneja devido à origem familiar. Antonio Candido esclarece, no entanto, que “[...] a verdade do personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada” (Candido, 1974, p. 75). Para o crítico literário, antes de tudo o personagem precisa ser, principalmente, coerente com a estrutura interna da obra. Isso quer dizer que não há uma obrigatoriedade que haja uma equivalência com a realidade exterior a ela, pois sua função maior não é esta. Por isso, as observações aqui apresentadas dizem respeito apenas à obra analisada e aos seus personagens, não podendo ser consideradas como fatos concretos da realidade.

A apreciação do romance ‘Galileia’ foi por meio da perspectiva do personagem Adonias, que além de narrador é o protagonista da obra. Através de seu olhar, notamos a presença sertaneja referente ao passado,

por meio de suas lembranças, e também sobre a sua atualidade. Suas observações vão desde a própria paisagem até aspectos culturais que remetem aos costumes dos moradores daquela região. Desde o início do romance, percebemos uma comparação entre o passado e o presente, porém não apenas relacionado àquilo que pode ser visto, mas também sobre o que continua como incógnita.

Tudo se assemelha ao passado, até os caminhos repetidos e o silêncio dos mortos, fantasmas que andaram como ando, ansioso e de humor deprimido. [...] Nada lembra mais o silêncio do que a pedra, matéria-prima do sertão que percorremos em alta velocidade (Brito, 2008, p. 7).

O silêncio mencionado por Adonias, ao qual ele compara à pedra, componente da paisagem sertaneja e que ele vê enquanto viaja para a fazenda de seu avô, refere-se aos inúmeros mistérios que envolvem algumas das histórias que fazem parte da memória de sua família, e, conseqüentemente, da memória de seus membros. De acordo com Michael Pollak (1992) existem elementos de histórias, tanto individuais, quanto coletivas, que permanecem inalteráveis, solidificadas na memória. Segundo Ricoeur, “[...] é a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma” (Ricoeur, 2007, p. 130). Esses elementos repassados passam a constituir a própria essência da pessoa. Deste modo, assim como o silêncio era algo do cotidiano da vida dos ancestrais da família de Adonias, continuava a pertencer ao presente daqueles que fazem parte dela, mantendo em segredo fragmentos dos acontecimentos que os envolvem.

Entre estes acontecimentos, está o episódio ocorrido com Davi durante sua infância e que persegue Adonias através de suas lembranças, o que pode ser verificado em vários momentos da obra. Como quando ainda percorrem a paisagem sertaneja: “Observo as carnaúbas, esguias como o corpo do primo Davi, e revejo a tarde dolorosa, ele fugindo nu, coberto apenas por uma camisa branca, o sexo à mostra, o sangue escorrendo entre as pernas” (Brito, 2008, p. 8). Trata-se de uma lembrança que, simplesmente, surge para o narrador. Segundo, Paul Ricoeur (2007), lembranças caracterizadas como evocação possuem uma ligação com elementos de ordem material que possibilitam o seu aparecimento e que se relacionam com os rastros mnésicos responsáveis por nossa memória. Isso torna claro o surgimento dessa lembrança não só para Adonias, mas para outros personagens. Trata-se de um acontecimento em que o mistério de quem teria estado com Davi permanece e permanecerá, atormentando, assim, o narrador por não saber a verdade e por isso lhe restam apenas as especulações:

Quem fez escorrer sangue entre as pernas de Davi? Ninguém, talvez. O delírio incestuoso da família criou a farsa. Se eu comer mais melancia e a garapa vermelha transbordar de minha boca, descendo pelo rego do peito, pelo umbigo e púbis, molhando as coxas como um jorro que não cessa, dirão que é sangue. Também posso despir a calça e correr pelos descampados, mais nu que Davi. Ele vestia uma camisa branca, e eu não vestirei nada. Nu por inteiro, igualzinho ao rei Davi, dançarei em frente às portas da Galileia, lambuzado de garapa vermelha (Brito, 2008, p. 161).

No trecho acima, podemos perceber que, além de questionar-se sobre quem poderia ter sido o responsável por violentar sexualmente Davi, Adonias também pensa na possibilidade de o fato não haver ocorrido. Poderia apenas tratar-se de criação de sua mente fazendo com ele imaginasse algo que não aconteceu e que poderia ter ocorrido com ele próprio. Interessante notar que, ao descrever a cena de si dançando nu às portas da Galileia, o protagonista faz referência a passagem Bíblica em que o Rei Davi dançou de maneira entusiasmada em frente à Arca do Senhor, em 2Sm 6:14. Entretanto, ao contrário do personagem homônimo, o Rei Davi não se encontrava nu, como Adonias pensava, mas vestido em uma túnica de linho. A presença desta referência à escritura Bíblica, assim como várias que aparecem ao longo de todo o romance, será explicada mais adiante.

Em outro trecho da narrativa, Adonias, no final de uma conversa com o tio Josafá, em mais uma de suas tentativas de saber sobre o que teria acontecido com Davi, pergunta:

- E Davi?
- O que tem ele?
- O senhor sabe do que estou falando.
- Não sei de nada.

Não adianta insistir porque todos parecem presos a um voto de silêncio.

- Esqueça! (Brito, 2008, p. 181).

Dessa forma, fica confirmado que esse mistério, como os demais que existem na família, ficarão sem respostas, pois, conforme o trecho acima, ‘porque todos parecem presos a um voto de silêncio’.

Em se tratando dos aspectos sertanejos, Adonias vai relatando as transformações que a região vem sofrendo:

Ficamos em silêncio, olhando casa e luzes apagadas, com antenas parabólicas nas cumeeiras dos telhados. [...] Desejei bater à porta de uma delas, dar boa-noite às pessoas, xeretar o programa a que assistiam. Não consigo imaginá-las atravessando a porta para os afazeres nos currais e roçados, depois de se intoxicarem de novelas (Brito, 2008, p. 15).

O narrador percebe que o sertão já não é mais o mesmo devido à chegada de elementos da modernidade. De acordo com Brito, “[...] vivemos uma padronização de vidas e comportamentos com a diluição não só das fronteiras entre os países, mas sobretudo, com a diluição das culturas locais para a sobreposição da cultura globalizante” (Brito, 2017, p. 166). Para alguns, essas transformações geram conflitos, como no caso do personagem Adonias, que possui uma conexão maior com a memória relacionada àquele espaço, mas para outros como Davi, segundo a perspectiva do narrador, essa modernidade parece chegar de maneira favorável. “A arca do primo é o computador. Acontece uma pane e ele substitui a memória, sem nenhum remorso” (Brito, 2008, p. 212). Neste trecho, o narrador destaca a proximidade da memória de seu primo com a fugacidade da memória tecnológica, o que enfatiza a sua pouca ligação com a memória da família. Isso pode ser explicado pelo fato de ele ter nascido em São Paulo, longe da Galileia e da maior parte de seus parentes, que tem origem naquele lugar. No entanto, como os outros netos, também teve seu nome retirado das escrituras sagradas, escolhido pelo avô Raimundo Caetano.

Em vários momentos do romance, notamos a sua ligação com aquilo que é atual, por exemplo, na parada feita para o jantar ainda durante a viagem para a Galileia: “Davi deseja apenas uma coca-cola. Enfia o brinquedo no bolso, abre o computador e corre os dedos finos por sobre o teclado” (Brito, 2008, p. 33). Diferentemente de Adonias e Ismael, Davi não viveu na Galileia, indo para lá de forma esporádica durante as férias. E foi num destes momentos que aconteceu o episódio já mencionado. A sua descrição, apresentada por Adonias, é importante para que se tenha uma ideia mais clara sobre a relação entre a sua identidade familiar e sua identidade homossexual: “Como se não bastasse sua natureza quieta, os cachos louros e os olhos vivos num corpo magro, a aura de pianista virtuoso enchia a família de orgulho” (Brito, 2008, p. 15). A imagem que o personagem possui para sua família condiz com aspectos que estão a esta vinculados, a sua cultura. Ele assemelha-se à figura tradicional de um anjo, como o próprio narrador confirma: “Reassumia o anjo de passeio pela terra” (Brito, 2008, p. 15). E se acreditava que fosse um esmerado pianista, herança de um gosto musical da família, o que os enchia de orgulho, conforme a narrativa de Adonias. A maneira como a família via e tratava Davi fica bastante evidente no momento em que os três primos chegam à fazenda Galileia. A sua recepção é diferenciada:

[...] aclamam Davi. Ele aceita os afagos, entrega-se sem resistência. Minguadas carícias, uns dedos que tocam os cachos dos cabelos, outra mão que arruma o colarinho da camisa, um tio que envolve a cintura do primo com o abraço. Todos amam Davi (Brito, 2008, p. 92).

O protagonista permanece tenso ao encontrar seus parentes na fazenda, enquanto Ismael foi direto ao encontro do avô, pois acreditava que era o único que fazia questão de dar-lhe um abraço. Através do trecho acima, vimos que Davi se sente muito bem ao receber o carinho da família, ou seja, ele sente-se feliz e pertencente, de alguma forma, àquele grupo. Mais adiante, em outro momento da narrativa, Adonias apresenta evidências sobre ser mais uma farsa aquela imagem apresentada por Davi e que todos sustentam, inclusive ele próprio:

Desde nosso reencontro, percebo que contribuí para a imagem falsificada de Davi que nunca existiu. Sempre foi mais cômodo aceitar como verdade tudo o que a família imaginava sobre o nosso geniozinho musical. Olhando para ele a dez passos de mim, suspeito que o primo de sorriso angelical é uma farsa (Brito, 2008, p. 173).

O olhar do narrador sobre seu primo, pelo que percebemos não é mais o mesmo de antes. Ele sofreu uma atualização pelas experiências que ele vem tendo ao longo de sua vida e que fazem com que passe a enxergar as mesmas coisas de maneira diferente. Conforme Henri Bergson (1999) se misturarmos nossas imagens passadas, ou seja, nossa memória, com nossa percepção presente, elas poderão sofrer modificações ou mesmo serem substituídas. Ricoeur (2007) considera a memória como algo único, porém suscetível a mudanças no decorrer do tempo. As mutações sofridas pela memória correspondem a cada uma das perspectivas pelas quais o sujeito apresenta suas lembranças.

Pudemos perceber no romance que existe uma aparente religiosidade associada à família de Raimundo Caetano. Isso é percebido desde o título, Galileia, que corresponde a região Norte da atual Palestina, onde, segundo as religiões judaicas e cristãs, Jesus, filho encarnado de Deus, nasceu. É uma região que aparece, portanto, nos livros do antigo e Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Segundo relatos dos antepassados do

protagonista, a família começou com a vinda de um português, Francisco Álvares de Castro, um judeu recém-convertido cristão, que misturou sua cultura à do Novo Mundo. Entretanto, o narrador, mostra que havia sim uma falsa moral disfarçada de religiosidade permeando a sua família. “A farsa nos mantém unidos” (Brito, 2008, p. 28). Essa afirmativa do narrador em relação à hipótese de origem de sua família serve não apenas para esse caso, mas para as demais histórias que a envolve. Assim, podemos perceber que havia uma tentativa de manter uma imagem de família que seguia os preceitos religioso cristãos, mas que na realidade não era bem isso que acontecia.

O silêncio mencionado logo no início dessa análise tem muito a ver com essa ‘dissimulação’ e explica muito sobre a existência dos mistérios na memória da família de Raimundo Caetano. Isso também esclarece a opção de Davi em cultivar e manter a imagem angelical, ocultando sua identidade homossexual, que ele vive apenas longe da Galileia, como podemos verificar em seu relato escrito que foi entregue a seu primo Adonias. De acordo com Trevisan (2000), a homossexualidade permanece tabu nas sociedades brasileiras atuais, condenada, inicialmente, por meio de preceitos morais com bases ideológicas religiosas cristãs vigentes.

É preciso aqui ressaltar, que em momento algum da obra o narrador pretende justificar o homossexualismo de seu primo Davi através do estupro que ele sofreu na infância. Ele apenas apresenta aquele acontecimento como um dentre tantos que permanece cheio de incógnitas e que vão de encontro aos princípios religiosos cristãos, que teoricamente representam a família de Raimundo Caetano. Entretanto, na própria Bíblia encontramos casos de incesto, traição, estupro etc., como o caso de Jocabed que se casou com seu sobrinho Anrão e com ele teve três filhos em Êxodo 6,20 ou como no caso em que Amnon estuprou sua irmã Tamar em 2 Samuel 13,14, dentre outros fatos, exatamente coisas que acontecem e são relatadas pelo narrador de Galileia. Se olharmos por outro ângulo, perceberemos que, de alguma forma, as escrituras sagradas estão sendo ‘seguidas’ pela família.

Pudemos constatar que não era apenas Davi que ocultava desejos homossexuais na família. O próprio Adonias, em alguns momentos da obra, deixa a entender que teria essa tendência de forma oculta: “Beije-me, Ismael, você não recusa ninguém. Beije-me do jeito que beijaram seu irmão Davi, antes que o sangrassem como um cordeiro de Páscoa” (Brito, 2008, p. 144). Neste trecho, Adonias dirige-se a Ismael, que está desacordado depois de ter levado uma pedrada do próprio narrador durante uma discussão. Observamos mais uma vez a referência à cultura cristã e judaica.

Trevisan (2000) defende que por trás de todo esse moralismo de bases ideológicas cristãs está o consumismo manobrado pelas leis de mercado, que apoia a família tradicional pelo fato de as relações homoafetivas não serem geradoras de descendentes, futuros consumidores. Entretanto, o comportamento de consumo mostrou o público homoafetivo como promissor nicho de mercado e por isso, passando a ser aceito com ressalvas. E foi esse consumismo que chegou a região dos Inhamuns, onde se encontra-se a fazenda Galileia.

Davi, provavelmente, sentiu-se mais à vontade para revelar a sua identidade homossexual para a família por notar tantas mudanças no cenário e hábitos sertanejos. E também por sua relação com a Galileia e com sua família não ser como a de Adonias e Ismael, que nasceram naquela região. Ele talvez sentisse agora como se os lugares onde podia viver a sua homossexualidade estivessem chegando àquele espaço, e conseqüentemente, à Galileia, por meio dos elementos da modernidade.

E foi a partir da observação dessas transformações por parte de Davi que supomos este ter tomado a decisão de não mais manter o silêncio sobre sua homossexualidade através do romance que seu primo Adonias estaria pretendendo escrever sobre as memórias da família: “Falaram que escreve um romance. É verdade? Contribuirei para o seu livro” (Brito, 2008, p. 80). Então, entregou ao primo um envelope em que contava a história que estava por trás daquela imagem angelical que ele mantinha. De acordo com Ricoeur (2014) as ações apenas determinarão quem é o agente depois de postas em uma narrativa e é dessa forma que se articula a sua identidade. Assim, “[...] em várias narrativas o si busca sua identidade na escala de uma vida inteira” (Ricoeur, 2014, p. 113). Foi isso que Davi tentou fazer ao escrever o que ele chamou de biografia para que Adonias acrescentasse ao romance que estava produzindo. Ele havia criado a história que teria feito várias apresentações musicais tocando piano em bares de Nova Iorque. Agora a verdade seria revelada: “A mentira que inventei sobre o pub foi uma metáfora para descrever os dias que passei ao lado de Jean-Luc, meu amante francês de cinquenta e sete anos” (Brito, 2008, p. 186). Através da narrativa de ações, Davi mostra a sua identidade homossexual, porém em momento algum assume-se utilizando esse termo. Para Ricoeur, o sujeito se autodesigna quando apresenta os sentidos que ele dá ao mundo. Isso é verificado através da linguagem que ele utiliza. No caso de Davi, ele mesmo revela que, por meio de metáfora, ocultou a verdade sobre suas viagens e ofereceu a seus parentes a história que todos queriam escutar. Na verdade, o sentido para aqueles que

ouviam suas histórias era de que tudo aquilo havia acontecido de fato, mas para Davi o sentido era outro. Para Ricoeur (2000), o problema da referência é ligado ao da intenção daquele que diz algo e não do seu significado. “É a intenção, e não o significado, que tem um alcance exterior à linguagem” (Ricoeur, 2000, p. 113). As metáforas de Davi são relacionadas com elementos urbanos, das quais tem mais proximidade, como vimos anteriormente. Se compararmos às metáforas usadas por Adonias, veremos que a linguagem utilizada por este é mais relacionada com elementos presentes no ambiente rural sertanejo, como a ‘pedra’ que ele associa ao silêncio.

Algo que é importante ser destacado é que a própria tipografia do livro apresenta o relato de Davi com uma fonte de letra diferente daquela que vem sendo usada para a narrativa de Adonias, como podemos observar na Figura 1. Conforme Maíra Woloszyn (2018), a tipografia é um elemento que sempre esteve presente no desenvolvimento dos livros e sua importância está relacionada à compreensão do próprio texto pelo leitor. Ainda segundo a autora, “[...] a tipografia também pode ser vista como ilustração ao utilizar o texto como uma forma de comunicar um significado diferente, oferecendo variações ou utilizando os tipos como um clichê específico para criar vínculo simbólico ou cultural” (Woloszyn, 2018, p. 70). Enquanto para a narrativa de Adonias optou-se pela fonte Times New Roman, que é associada a características mais tradicionais, para Davi foi escolhida a Arial, que é relacionada a algo mais moderno. Para Ricoeur (2000), a linguagem é ancorada em elementos psicológicos, crenças, desejos, sentimentos, e isso é também evidenciado, inclusive, pela tipografia escolhida para representar a fala de cada personagem.

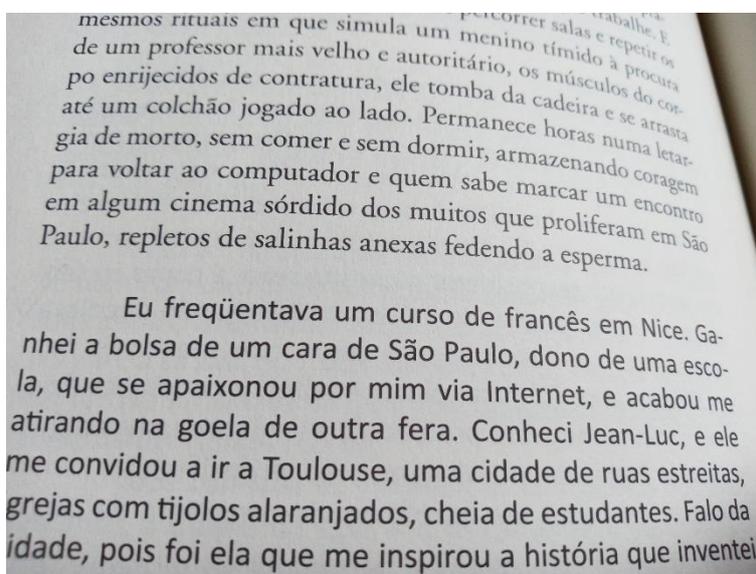


Figura 1. Fotografia feita da obra ‘Galileia’ de Ronaldo Correia de Brito comprovando a diferença tipográfica entre a narrativa de Adonias e o relato de Davi.

Ao ler as primeiras linhas escritas por Davi, Adonias expõe a sua repulsa: “Assim que li as primeiras linhas impressas, lembrei o nome bestiário, o mais perfeito para classificar o amontoado de sandices escritas pelo primo. No catálogo animal, que espécie corresponde a Davi? ” (Brito, 2008, p. 186). Percebemos um posicionamento bastante radical por parte do narrador, e que Trevisan (2000) chama de ‘neoconservadorismo’ brasileiro diante da homoafetividade, que utiliza uma linguagem modernizada, e não mais argumentos morais, mas argumentos que envolvem a natureza e os costumes para condenar esse tipo de relacionamento, que não condiz com os padrões dominantes na sociedade como um todo e que apresentam pontos de vista heterossexuais. O que podemos verificar é uma reprodução por parte do personagem Adonias do comportamento de seus antepassados. Conforme Ricoeur, “[...] ao mesmo tempo em que o acontecimento de discurso é transitório e fugaz, ele pode ser identificado e reidentificado como ‘o mesmo’” (Ricoeur, 2000, p. 113). Essa reprodução reflete naquilo que ele pensa a respeito de seu primo Davi e nele mesmo. Ao passo que ele próprio possui, secretamente, desejos homossexuais, os repudia.

Davi não foi tocar coisa nenhuma em Nova York. Ele inventou a história para justificar a viagem aos amigos e familiares, professores e clientes. [...] E todos nós viajamos em sua ficção, talvez porque sonhássemos com um gênio musical, ou porque sentíamos remorso pelo que aconteceu no passado, ou mais provavelmente porque não alertamos para uma espécie disfarçada de diabo, que se infiltra nas famílias conservadoras e de falsa moral como a nossa (Brito, 2008, p. 186).

Neste trecho o narrador ele próprio procura explicar aquilo que estava lendo no relato de seu primo e que, de certa forma, procuramos também explicar com nossa análise sobre a obra literária. Podemos perceber, ainda no trecho acima, que o protagonista deixa entender que talvez a família saiba a realidade sobre Davi, mas que prefere mantê-la em segredo, cultivando a imagem que é aceita e preferida por todos.

Em certo momento de seu relato, Davi apresenta o modo como ele se via: “Avaliei minha modesta posição de estudante universitário e resolvi ingressar na viagem, não propriamente como músico, mas como um garotinho de programa de classe média” (Brito, 2008, p. 187). De acordo com Ricoeur “[...] a compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, mediação privilegiada” (Ricoeur, 2014, p. 112). É somente a partir do relato de Davi que podemos verificar a sua compreensão de si e que difere da maneira como seus parentes o enxergam. Essa compreensão não precisa estar declarada, mas pode aparecer na forma como ele narra, pelas palavras que escolhe usar e pelos sentidos que coloca nelas. Conforme Ricoeur (2000), a linguagem possui ferramentas que cumprem a função de identificação, o nome próprio, os demonstrativos, os pronomes e, sobretudo, os artigos definidos. A estes estarão vinculados expressões identificantes. No trecho acima, em que Davi apresenta a sua perspectiva de si, ‘um garotinho de programa de classe média’, essa identificação aparece de modo generalizada, pois que ele utiliza um artigo indefinido (um). Isso mostra uma certa insegurança sobre a sua própria identidade.

Para Adonias, seu primo Davi fantasiou de maneira tão minuciosa cada detalhe das histórias que contava para a família que acabou acreditando na própria mentira.

Já que tudo não passou de uma história narrada por ele, poderia tê-la narrado num dos serões noturnos, quando a família se reunia em volta da cama do avô. A nova geração de contadores pede espaço na Galileia. No lugar da épica sertaneja, a pornografia (Brito, 2008, p. 186).

É com ironia que o protagonista narra o trecho acima em que agora ele aproxima Davi da cultura da família em relação ao costume de contação de histórias. Entretanto, ele ainda não percebe que a semelhança não para por aí. Como já havia dito antes, nem todos os seus segredos serão revelados, conforme o costume em Galileia.

Em um trecho de seu relato, Davi também apresenta o que sentia enquanto estava no período em que se encontrava longe, em outros países:

O que me movia era curiosidade por países como França e os Estados Unidos. Se você me perguntar mais de uma vez o que me atrai nesses lugares, eu responderei sempre de maneira diversa. Depois de quinze ou trinta dias as sensações se transformam em miragem. Quando tomamos consciência de que o impulso para viajar, ao custo de vender o corpo e a alma, é miragem, a vontade cessa por um tempo, mas depois retorna. Viajar não é mais do que parar num lugar conhecido e evitado, o lugar da solidão (Brito, 2008, p. 192).

O que podemos observar, de maneira clara, é que o personagem vive em constante conflito de sentimentos relacionado àquelas viagens. Inicialmente, deslumbrado, depois de pouco tempo passa a sentir solidão por estar num local com a cultura diferente da sua. Entretanto, de acordo com esse trecho, ele parece sentir a necessidade de, em alguns momentos, estar longe, o que pode ser explicado pela passagem que seu primo Adonias traz de uma leitura feita por seu avô das escrituras sagradas e que para ele pareciam sentenças: “Terei de ocultar-me longe de tua face e serei um errante fugitivo sobre a terra” (Gênesis 4:14). Ao que parece, esse espírito de errância também é algo que diz respeito a sua família. Porém, é um hábito que, segundo Brito (2017), ocasiona tensão de não pertencimento ao personagem, pois este não possui vínculos de memória com estes outros espaços que não são o seu.

Considerações finais

Ao manter em sigilo a sua identidade homossexual e como é a sua vida durante as viagens que realiza para fora do Brasil, Davi não está se distanciando da cultura de sua família. Na verdade, isso o aproxima desta, que é permeada de mistérios e silêncios. O que podemos constatar com isso é que seus descendentes praticaram ações condenáveis pela sociedade e também pelas próprias escrituras sagradas que, supostamente, seguiam. Porém, essas ações deveriam permanecer em segredo. Da mesma forma, Davi, por prostituir-se e ter relacionamentos homoafetivos, os mantinha em segredo, seguindo a tradição familiar. Entretanto, sabemos que a questão do silêncio na homossexualidade é algo que transpassa o que foi apresentado na obra.

A importância da representatividade homossexual deve ser pauta de discussões em variados meios sociais. E o espaço acadêmico deve ser aquele que pode tornar menos graves essas questões, que apesar de terem

raízes muito profundas, que podem ser explicadas através de estudos sobre a memória e identidade, têm meios de apaziguar os ânimos. E a literatura serve como ferramenta para isso.

Referências

- Bergson, H. (1999). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (2 ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bíblia Sagrada: edição pastoral*. (1990). São Paulo, SP: Paulus.
- Brito, H. B. O. (2017). *Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira*. Teresina, PI: Edufpi.
- Brito, R. C. (2008). *Galileia*. Rio de Janeiro, RJ: Alfaguara.
- Candido, A. (1974). *A personagem de ficção* (4a ed., Coleção Debates). São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212.
- Ricoeur, P. (2000). Estudo III. A metáfora e a semântica do discurso. In (Ed.), *A metáfora viva* (3a ed., p. 107-156). São Paulo, SP: Loyola.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp.
- Ricoeur, P. (2014). *O si-mesmo como outro*. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- Schollhammer, K. E. (2011). *Ficção Brasileira contemporânea* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Trevisan, J. S. (2000). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade* (6a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Woloszyn, M. (2018). *Fatores de aplicação da tipografia em livros digitais* (Dissertação de Mestrado). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.